

Silvia Gerschman

A PARTITURA DE CLARA

Romance histórico baseado na vida real
da compositora e musicista clássica Clara Schumann



EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

PRÓLOGO

Hoje à noite chega Patrick, meu amigo francês, após uma estadia em Londres. Vai ficar em casa enquanto seus pais estão de viagem, e será muito bom retomarmos a conversa sobre a partitura de Clara Schumann, assunto que Patrick conhece bastante e compartilhou comigo.

Mas vamos iniciar a história pelo começo: conheci meu amigo anos atrás, num congresso de sociologia. Ele me introduziu em um assunto estranho e inquietante, um dos segredos na vida de Clara Schumann, mulher do compositor alemão Robert Schumann. Ela foi a mais prestigiosa intérprete de piano na Europa da primeira década do século XIX e também uma compositora destacada, ainda que não tenha conseguido se dedicar a compor como desejava.

Passados anos dessa amizade entre nós, Patrick foi amadurecendo a ideia de achar o original de uma certa partitura, ao que se sabe, escrita por Clara Schumann. O conhecimento da existência dessa partitura tinha acontecido por transmissão oral de família em família e de amigos da música que acreditavam que nunca ninguém a tinha visto e que ela guardava um segredo que somente seria desvendado a quem a encontrasse.

Num congresso de ciências sociais, que aconteceu nos anos 1990, no Rio de Janeiro, participamos, Patrick e eu, de uma mesma mesa de discussão sobre a influência francesa na histó-

ria e na cultura brasileira. A partir dali, começamos a trocar ideias sobre o tema, que interessava a ambos, o que deslanchou uma troca que nos levou a outros assuntos. E aos poucos fomos nos conhecendo e depositando confiança um no outro.

Ambos tratávamos de aprofundar nas letras e na arte brasileira o conhecimento da influência francesa e europeia, desde finais do século XIX, época em que a evolução tecnológica do transporte internacional facilitou em muito o fluxo de artistas e intelectuais entre a França e o Brasil.

Nossa amizade se consolidou durante esses anos todos, e aos poucos Clara começou a participar das nossas conversas sobre sua música e o mistério que a circundava.

O assunto começou a ser para mim um desafio. Clara era uma das mulheres do passado que me fascinavam, tinha por ela uma grande admiração e poderia dizer, se isso cabe, um amor profundo por sua pessoa e sua música. Saber por Patrick da existência da partitura significou para mim um mistério que teria de desvendar em algum momento da vida.

Com a viagem de Patrick ao Rio, parecia ter chegado esse momento. Ele pousaria com a ideia de criarmos uma sociedade para procurar a partitura original; depois disso poderíamos descobrir o segredo que ela guardava. Tinha me antecipado a suas intenções e aceitei participar desse projeto histórico e existencial, sabendo que deveríamos retroceder um século e meio atrás.

I

Com a chegada de Patrick, ambos ficamos ansiosos por tratar do assunto e já começamos a conversar no caminho para casa. Era evidente a ansiedade que nos provocava a dedicarmos-nos a provar a existência e localização da partitura.

Fiz um chá, para relaxarmos, e nos sentamos — ele no sofá, eu na poltrona da sala. Ele começou se referindo ao caráter sigiloso da busca, não podíamos contar a ninguém além daqueles que se dispunham a ajudar. Ele soube de boa fonte que existiam pessoas procurando a partitura. Sendo Clara a autora e nunca ouvida pelo grande público, tinha um valor inestimável, devíamos ter muito cuidado.

— Minha amiga, precisamos formular um plano, e isso não é simples, dado que a partitura pode estar em qualquer lugar da Europa. De qualquer forma, acredito que devemos partir de Leipzig, onde Clara nasceu; de lá seguir para Frankfurt e depois para o cemitério de Alter Friedhof, em Bonn, onde foi enterrada. E mais tarde para onde as pistas que acharmos nos levarem.

— Quando poderemos partir, Patrick? — quis saber.

— Eu posso viajar imediatamente — ele respondeu. Você poderia pedir licença de quatro meses?

— Posso, já que nunca gozei desse benefício.

— Então partiremos assim que você conseguir finalizar esse trâmite.

— Patrick, acredito que conseguiremos sair daqui a quinze dias, mas vou alongar para seis meses o período de afastamento. Até provar que a partitura existe e encontrá-la deve nos tomar um tempo considerável.

Ele pensou um pouco e disse:

— Amiga, falta-nos procurar o benfeitor a quem interesse termos em mãos a partitura e que não busque apenas ganhar dinheiro com esse achado. Que sejam outros os fins a movê-lo. Que esses fins envolvam afeto e conhecimento da existência da partitura. A consciência como a vida de Clara foi triste e difícil, e que o talento, o amor e a força dela o comovam tanto como nos fascinam.

— Estou de acordo, Patrick. Teremos que conseguir dinheiro para nossa empreitada, sem que o êxito da missão signifique dinheiro para nenhuma das partes, nem para nós, coisa que sabemos bem ambos, nem para eles.

Amamos Clara e consideramos surpreendente que tenha mantido um espírito livre, além de todas as restrições e da opressão que a sociedade impunha às mulheres de sua época. Tinha um dom extraordinário para a interpretação e execução de partituras clássicas. Direcionava seu talento interpretativo para promover aqueles compositores que a encantavam, como Robert Schumann, que faleceu muito jovem, e, entre outros grandes de sua preferência, Brahms, Beethoven, Chopin e Mendelssohn.

— Você acredita que conseguiremos achar esse mecenas? Penso que teremos de procurar entre maestros de orquestras, salas de concertos importantes do mundo, fundações direcionadas às artes e principalmente à música...

— Tenho uma amiga que é concertista de violino e trabalha na orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Que você acha de contatá-la para que ela nos dê algumas referências e nos forneça alguma dica de como mover-nos nesse ambiente, do qual ainda não sabemos nada.

— Acho uma ideia sensacional. Vamos começar por aí.

Eu sabia que poderia encontrar Francesca logo e marquei uma conversa nossa para os próximos dias. Na quinta já estávamos os dois na casa de Francesca. Ela solicitou que lhe contássemos o que desejávamos saber, para que e como usaríamos as informações. Após falarmos sobre a missão que se iniciaria em, aproximadamente, quinze dias, ela ficou bastante emocionada com o projeto.

Falou sobre um grupo de maestros, de orquestras internacionais, que tinham uma associação para apoiar projetos de desenvolvimento da música clássica, em vários países do mundo. Tinham uma representação no Rio de Janeiro e poderíamos recorrer a eles. Se eles não pudessem nos ajudar, certamente nos indicariam quem poderia. Ela mesma marcou a entrevista para nós.

Assim, em uma pequena sala que ficava na Cinelândia, muito perto do Theatro Municipal, um senhor de bastante idade e muito amável, que andava de muletas, nos atendeu e relatou:

— No início, a associação era de maestros; nos dias de hoje, se tornou uma associação de estímulo à música da qual participam não apenas maestros, mas também alunos, compositores e intérpretes. A sede fica em Leipzig e seu nome é Hochschule für Music.

Após nos ouvir atentamente, quis saber que provas nós tínhamos da existência da partitura. Patrick explicou-lhe que ele tinha parentesco com Clara Schumann, mostrou-lhe a árvore genealógica que levava consigo, falou do que sua família havia lhe contado e das investigações que fizera entre as pessoas próximas e a coincidência sobre a existência da partitura.

Então o senhor de idade não nos garantiu apoio, mas nos deu uma esperança:

— Nós financiamos apenas bolsas de estudos da música para alunos avançados. Mas nossa sede central, em Berlim,

talvez possa ajudá-los. Sugiro que escrevam para o Sr. Shenkel, podem citar o meu nome. Mas façam isso em inglês, não acredito que leiam em português.

Escrevemos imediatamente e enviamos a carta pelo correio, em caráter urgente. Assim, três dias depois a carta estava nas mãos do Sr. Shenkel. A carta foi lida e seu teor conversado e discutido na reunião semanal do instituto. Era conhecida entre os músicos que dirigiam a instituição a existência da partitura secreta de Clara, o fato de ela nunca ter sido encontrada e o mistério que a envolvia.

Mas houve, tal como relatado na carta resposta do Sr. Shenkel, testemunhas contemporâneas da compositora que relataram ter ouvido ocasionalmente uma música, que imaginavam tratar-se de uma sinfonia, com um efeito de fascinação quase hipnótica sobre quem a ouvisse. Todos se detinham maravilhados e perplexos, continuava a carta. O impacto produzido era de atenção permanente, sem se conseguir sair do lugar até a finalização da peça. Tratava-se de pessoas simples, às vezes ricos, poderosos, humildes ou pobres: vizinhos ou transeuntes que passavam pela janela da sua casa. Isso despertou o interesse dos amantes da música e, conseqüentemente, do instituto em contribuir com quem tivesse o firme propósito de achar aquelas escrituras musicais, que era o nosso caso, pois tínhamos a convicção que encontraríamos a partitura.

O dinheiro das passagens seria entregue na nossa chegada ao instituto em Leipzig e deveríamos nos identificar com nossos documentos originais. Sentíamos-nos muito felizes por termos conseguido as passagens. Lemos e releemos várias vezes a carta para acreditar que não houvera engano, que era real o interesse de recuperar a partitura. Buscaríamos depois, já na Alemanha, complementar os gastos da estadia e da investigação, para descobrirmos onde e com quem se encontrava a partitura e qual a legitimidade da posse do documento.

Eu estava preocupada, Patrick não conversava a respeito do caminho a tomar para alcançarmos o objetivo. Sem perceber, escondia os passos necessários e o que esperava de sua companheira de viagem e assistente, o que eu faria. E eu, para ser sincera, não sabia como nem por onde começar.

Tínhamos comprado a passagem com nosso próprio dinheiro, o que já significava um risco considerável. E faltavam menos de dois dias para o embarque.

Deixei vagar meus pensamentos, uma roda-viva, sucediam-se sem pausa os preparativos da viagem, a conversa com a sociedade de músicos, o primeiro contato com a sede na Alemanha, a viagem em um táxi escangalhado para chegar à representação no Rio, a subida no elevador, o caminho de volta para casa e aquela sensação de vazio... entrei numa letargia, a cabeça pesada, de repente topei com a mesa de jantar de Clara...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Clara Schumann: An artist's life based on material founded in diaries and letters, Berthold Litzmann (Litzmann Press, 1913).

Clara Schumann: baseado em diários de vida do casal, cartas e documentos, de Catherine Lepront, tradução de Eduardo Brandão (Editora Martins Fontes, 1990).

The artist and the woman: based in diaries of life, letters, family documents and concert programs, de Nancy B. Reich, (Cornell University Press, 2001).

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2020.
